

## A DIPLOMACIA CIENTÍFICA DOS THINK TANKS CHINESES: O “NOVO” ELEMENTO DA ESTRATÉGIA DE *SOFT POWER* DA CHINA.

BRUNA ABREU SILVEIRA<sup>1</sup>; WILLIAM DALDEGAN<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [brunaabreus@outlook.com](mailto:brunaabreus@outlook.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [william.daldegan@ufpel.edu.br](mailto:william.daldegan@ufpel.edu.br)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho, tem como foco analisar a maneira que os *think tanks* chineses, são instrumentalizados pelo governo para compor novas estratégias de *soft power* da China por meio da diplomacia científica. Ademais a este, tendo como objetivos específicos para este trabalho: compreender como são e como funcionam os *think tanks* chineses; entender como a China opera a sua diplomacia científica como estratégia de *soft power* e por fim examinar o desempenho dos *think tanks* como elementos da diplomacia científica da China. Estes objetivos foram desenvolvidos a fim de responder a seguinte problemática: *De que maneira os think tanks chineses podem impulsionar os interesses da China no cenário internacional utilizando da prática da diplomacia científica?*

Para muitos autores ocidentais como MEDVETZ (2008); ABELSON (2018); STONE (2004); MCGANN (2012; 2020), os *think tanks* são organizações institucionalizadas que procuram influenciar as políticas públicas e ou a opinião pública, através do conhecimento científico e da produção científica. Além disso, os *think tanks* para SALAS-PORRAS e MURRAY (2017), podem ser considerados articuladores, criadores de novas ideias políticas ou até mesmo “reembalar” antigas ideias para assim, se enquadrarem e impulsionarem suas agendas sob o âmbito da influência nos *polycymakers*.

Já o entendimento da China sobre o que significa um *think tank*, ou seja, de uma perspectiva não-ocidental, acaba sendo redefinido, muito mais pela ótica do campo político e dos contextos culturais, econômicos e sociais do país (ZHU, 2018, p 5). Na China, a maioria dos *think tanks* são institutos oficiais do próprio governo chinês, sendo eles, financiados diretamente pelo Partido Comunista e anexados a departamentos do governo. Não cabendo à estes, realizarem pesquisas independentes sobre questões políticas ou econômicas, como é o caso de inúmeros *think tanks* estadunidenses, desse modo, eles são capazes de seguir um cronograma de pesquisas instituído pelo governo a fim de deixar controlável as opiniões (ZHU, 2018 p 5).

Com um aumento considerável de *think tanks* na China de diferentes categorias e focos nos últimos vinte anos, HAYWARD (2018), levantou um questionamento que ajudou a encontrar uma das perspectivas para desenvolver este trabalho: [...] “que papel os *think tanks* desempenham na formulação de políticas, sendo moldado pelo contexto social e políticos em que estão situados?”. Assim como MENEGAZZI (2021, p 3), complementa este questionamento trazendo um outro levantamento: “Eles [*think tanks* chineses] podem disseminar narrativas, ideias e estratégias políticas de acordo com os interesses do Partido?”.

Segundo Xi Jinping, atual presidente da República Popular da China, durante uma reunião do Partido Comunista em 2014, os “[...] recursos intelectuais são importantes, eles acabam por desempenhar um papel crucial no governo para que a China se torne um país renomado”. Assim continua: “Devemos ter como objetivo promover a tomada de decisões científicas e democráticas, promover a

modernização do sistema e capacidade de governar do país, bem como fortalecer o soft power da China (tradução livre)"<sup>1</sup>.

Dadas as palavras de Xi Jinping, ademais aos questionamentos das autoras, se faz importante analisar o conceito de *soft power* e a sua concepção na perspectiva da China. O *soft power*, é a capacidade de influenciar outros para se obter resultados, por meio de ferramentas de persuasão onde parceiros possam ser manipulados para conseguir os resultados desejados. Existe uma esfera de três recursos básicos para que o funcionamento do *soft power* de um Estado: através da sua cultura; dos seus valores políticos e de suas políticas externas (NYE, 2012, 119). Este conceito acadêmico se tornou muito popular, principalmente na China logo no início dos anos de 1990. É como se finalmente para os chineses, um conceito pudesse elaborar uma propaganda que explicaria de uma forma pacífica as vontades da China estando inseridas no cenário internacional com seus padrões culturais e políticos relativamente intactos.

Segundo EDNEY (2012, p 4), houve um interesse muito forte das autoridades e dos estudiosos na China em utilizar o *soft power* como trampolim para a sua inserção internacional nestes últimos trinta anos. A utilização do conceito, tomou proporções gigantescas desde discursos políticos dos principais líderes do país ao aumento de referências em publicações em revistas e academias chinesas. Assim como os *think tanks* chineses, segundo NYE (2021, p 204), o *soft power* da China depende muito do contexto cultural e da habilidade que a China tem em converter recursos em estratégias para produzir resultados que no futuro serão considerados frutos das suas preferências. MINGJIANG (2008, p 288), acredita que através do discurso do Partido Comunista chinês, o *soft power* estará frequentemente conectado a um contexto doméstico e amplamente percebido como uma ferramenta para fins estratégicos da China.

Dentro deste panorama, a diplomacia científica pode ser considerada como uma ferramenta estratégica de *soft power*, tendo os *think tanks* como um elemento a ser utilizado para a prática. Com uma abordagem definida, segundo o relatório da “New Frontiers in Science Diplomacy: navigating the changing balance of power”, elaborado pelas American Association for the Advancement of Science (AAAS) e Royal Society (apud ANUNCIATO e SANTOS, 2020 p 38) a diplomacia científica é: “[...] um conceito fluído, mas que pode ser utilmente aplicado ao papel da ciência, tecnologia e inovação em três dimensões de políticas [...]”. As dimensões se dividem em: *ciência na diplomacia; diplomacia para a ciência; ciência para diplomacia*. Dentro das dimensões que caracterizam a diplomacia científica, encontra-se um processo pelo qual os Estados representam seus interesses no ambiente internacional com discussões sobre diversas áreas de conhecimentos adquiridos através do método científico (TUREKIAN et. al., 2015).

Desse modo, se faz interessante destacar para este trabalho, que a China se movimenta a favor desse tipo de prática. A exemplo, é o caso do *BRICS Think Tank Council* (BTTC), um conselho de *think tanks* dentro do BRICS, em que a China faz parte, e que se dedica a utilizar da produção científica dos *think tanks* representados por cada país membro, para auxiliar nas decisões a serem tomadas

---

<sup>1</sup> Trecho retirado da notícia de 27/10/2014: *Xi calls for new type of think tanks* – Site China Daily: “[...] intellectual resources are the most important for a nation, playing a crucial role in governing a country successfully.” - “It should be targeted on promoting scientific and democratic decision making, promoting modernization of the country's governing system and ability, as well as strengthening China's soft power”. Disponível em: [https://www.chinadaily.com.cn/china/2014-10/27/content\\_18810882.htm](https://www.chinadaily.com.cn/china/2014-10/27/content_18810882.htm) . Acesso em: 10 agosto 2023.

pelos Chefes de Estados e de Governo durante as Cúpulas anuais do BRICS. Sendo possível detectar dentre os países que fazem parte do BTTC, um exercício de diplomacia científica, pois utilizam da troca da produção científica para melhorar as relações bilaterais ou multilaterais entre eles e do próprio BRICS.

## 2. METODOLOGIA

Para esta pesquisa, optou-se por um estudo qualitativo de cunho analítico descritivo a fim de entender sobre a relação dos *think tanks* chineses serem uma instrumentalização das estratégias de *soft power* da China por meio da diplomacia científica. Adotou-se o método de análise de conteúdo de BARDIN (2011) seguindo as três fases do método: 1) pré análise; 2) exploração do material, categorização ou codificação e 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação destes. Para a aplicação deste método, utilizou-se de várias fontes (documentos, bibliografia, notícias).

Ademais, foi empregado o método de revisão bibliográfica, com o propósito de demonstrar as diferentes definições de *think tanks* existentes na literatura ocidental, para demonstrar a diferenciação da perspectiva chinesa (não-ocidental) sobre *think tanks* como um artifício estratégico de *soft power* da China.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho, está em andamento no PPG em Ciência Política, nível mestrado, tendo ainda questões a serem ajustadas.

## 4. CONCLUSÕES

Mesmo se tratando de um estudo exploratório, num panorama geral, os *think tanks* chineses podem sim, serem considerados como atores que são capazes de impulsionar os interesses da China no cenário internacional por meio da diplomacia científica. Levantando alguns breves resultados, a China nos últimos trinta anos buscou por uma maior inserção no cenário internacional de forma ambiciosa, utilizando de um planejamento estratégico focado na ascensão do seu papel neste meio. E por conta disso, dado a enorme relevância que os *think tanks* têm no cenário internacional em diferentes esferas do Ocidente, a China buscou por investir massivamente em conhecimento científico e produção intelectual como forma de projetar com mais credibilidade os seus interesses e opiniões, atribuindo a eles uma importância no seu *soft power*.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livro

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Tradução de Luís Antero Retos, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições, v. 70, 2011.

MCGANN, J.G. 2019 *Global Go To Think Tank Index Report*. 2020.

NYE JR, J. S. **O futuro do poder**; Tradução de Magda Lopes. 1 ed. São Paulo Benvirá, 2012.

SALAS-PORRAS, A; MURRAY, G. **Think tanks and global politics: Key spaces in the structure of power**. Palgrave Macmillan, 2017.

ZHU, X. **The rise of think tanks in China**. Routledge, 2012.

Capítulo de livro

EDNEY, K. Soft power and the Chinese propaganda system. **Journal of Contemporary China**, Inglaterra, v. 21, n. 78, p. 899-914, 2012.

MENEGAZZI, S. Chinese think tanks and public diplomacy in the Xi Jinping era. **Global Society**, v. 35, n. 3, p. 373-394, 2021

HAYWARD, J. The rise of China's new type of think tanks and the internationalization of the state. **Pacific Affairs**, Canadá, v. 91, n. 1, p. 27-47, 2018.

MINGJIANG, L. China debates soft power. **The Chinese journal of international politics**, v. 2, n. 2, p. 287-308, 2008.

NYE, Joseph S. Soft power. **Foreign policy**, n. 80, p. 153-171, 1990.

Artigo

ABELSON, D. E. **Do think tanks matter?: Assessing the impact of public policy institutes**. McGill-Queen's Press-MQUP, 2018

ANUNCIATO, Renata Oliveira; DOS SANTOS, Barbara Vitória Marques Sá. Diplomacia Científica e Diplomacia da Inovação: uma revisão sistemática de literatura sobre a perspectiva brasileira. **Conjuntura Austral**, v. 11, n. 54, p. 35-53, 2020.

MCGANN, J. Chinese Think Tanks, Policy Advice and Global Governance. **Indiana University Research Center for Chinese Politics & Business Working Paper**, n. 21, 2012

MEDVETZ, T. Think tanks as an emergent field. **New York: Social Science Research Council**, 2008.

ROYAL SOCIETY. New frontiers in science diplomacy: navigating the changing balance of power. RS Policy document, Jan. 2010. London: the Royal Society, 2010.

STONE, D. et al. (Ed.). **Think tank traditions: Policy research and the politics of ideas**. Manchester: Manchester University Press, 2004.

TUREKIAN, Vaughan C. et al. The emergence of science diplomacy. In: **Science diplomacy: new day or false dawn?**. 2015. p. 3-24.